

VIVENCIANDO A CULTURA AFRO: FORMANDO CIDADÃOS

COAIOTO, Francielle da Silva¹

GOMES, Patrícia Farias²

PACHECO, Pedro do Santos³

DIAS, Aline de Freitas⁴

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea ainda é marcada por heranças patriarcais, machistas e racistas. Visto que as raízes históricas do processo de escravidão deixaram marcas em nossa sociedade, diante disso surgiu a ideia do pré projeto pois faz necessário levar ao conhecimento dos alunos aspectos da cultura africana afim de combater o racismo estrutural conforme é um dos princípios da Lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio do Brasil. Acerca disso, Silvio Almeida (2019, p. 51) destaca que o racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas.

Nesse contexto, segundo Gomes (2008, p.41) “(...) assumir a diversidade é posicionar-se contra as diversas formas de dominação, exclusão e discriminação. É entender a educação como um direito social e o respeito à diversidade no interior de um campo político”. Visto que, a comunidade preta no Brasil é marcada por processos exploratórios, excludentes e discriminatórios, mesmo com o fim do tráfico negreiro e a abolição da escravatura, não foi possível evitar que a população preta fosse submetida por essas ações. Durante muito tempo, os negros foram vistos como um incômodo para sociedade, pois, para algumas pessoas, os negros atrasavam o desenvolvimento da comunidade.

Sendo assim, para Santos (2010) compreende essa implementação como uma correção simbólica do Estado brasileiro pelo débito histórico em políticas públicas para a população negra, sendo que ao longo da história houve debates e lutas pela igualdade entre populações brancas e negras no Brasil. Visto que, as práticas educacionais africanas foram ignoradas através da imposição da educação europeia desde a chegada dos portugueses ao país. Estima-



VIII ENALIC
EDUCAÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO EM HISTÓRIA
VII SEMINÁRIO DO PIBID
II SEMINÁRIO DO RESOLUÇÃO 2/2013

¹Graduanda do Curso de História do Centro Universitário São Camilo - ES, francoaioto76@gmail.com;

²Graduanda do Curso de História do Centro Universitário São Camilo – ES, patriciafariashistoria@gmail.com;

³Graduando do Curso de História do Centro Universitário São Camilo - ES, pedrospacecco@gmail.com;

⁴Professora orientadora Graduada em História/ Pós graduação em docência do ensino superior pelo Centro Universitário São Camilo/ Mestre em História das Relações Políticas pela UFES, alinefreitasdias@hotmail.com

se que entre 1580 e 1680, eles teriam transportado para o Brasil 1 milhão de escravizados (GOMES, 2017).

Dessa forma, o projeto foi aplicado na E.E.E.F. “Prof Inah Werneck” e na EMEB “Galdino Theodoro da Silva” visto que há necessário levar para sala de aula projetos que coloque em prática a lei 10.639/2003. Visto que, além é claro de todo o contexto que vivemos no Brasil em relação as questões raciais, em 2021 a lei chega a sua "maioridade" 18 anos desde sua criação, e ainda há entraves na sua aplicabilidade, por conseguinte os seus efeitos para a formação da cidadania dos alunos não são vistos de fato visíveis.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia que utilizamos para a realização deste projeto a princípio foi a exposição de músicas que possuíam letras que remetesse algum aspecto da cultura africana. Nesse contexto, foi utilizado exemplo de músicas de artistas brasileiras como a cantora Iza, no qual em um trecho de sua canção “Ginga” composta no ano de 2018, faz referência a mandinga que no pensar popular refere-se à bruxaria, no entanto, foi exposto para os alunos que a palavra faz atribuição ao grupo das mandingas ou malinkes, habitantes do reino muçulmano de Mali que viera, do vale do Níger, na África, por volta do século XIII, a estrofe em questão diz:

“(…)Entra na roda e ginga, ginga
Fé na sua mandinga, na roda e ginga” (Iza, 2018)

Além disso, a temática principal foi a questão da valorização a cultura afro nas escolas. No qual, a respeito da relação entre a população afro-brasileira e o ambiente educacional, utilizou-se como o estudo MODELLI (2017); para se pensar a questão da Raça, Gênero e classe, utilizou-se Davis (2016); para o debate acerca do Racismo Estrutural, utilizou-se Almeida (2005); houve um destaque para rediscutir mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra utilizou-se MUNANGA(2019)e a discussão da Lei 10.639/03.

Além disso, é pertinente pontuar que a estrutura do Projeto de Intervenção Pedagógica foi aplicada em ambiente presencial, mas respeitando todos os protocolos de segurança: Respeitando distanciamento social, uso de máscara e sem compartilhamento de objetos. Visto que, as atividades em sala de aula de forma presenciais análogas a situação causada pela COVID-19 ocorrem adaptadas no ano de 2021.



VIII ENALIC

EDUCAÇÃO RESPEITANDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESE

AGOSTO

A temática tem como objetivo incitar o pensamento crítico a partir das análises provocadas com a exposição das informações a respeito da cultura africana, englobando os objetivos específicos que visam gerar nos estudantes consciência do seu papel de cidadão frente a injustiças sociais no que tange o racismo que lamentavelmente é uma realidade vigente na nossa sociedade. Portanto, o Projeto de Intervenção Pedagógica foi realizado, na E.E.E.F. “Prof Inah Werneck” e na EMEB “Galdino Theodoro da Silva” durante o mês Junho da seguinte forma:

- Durante duas semanas foram aplicadas aulas expositivas e dialogadas a fim de gerar mais conhecimento a respeito da cultura africana e afro brasileira
- Aplicado em duas aulas de 50 minutos (subdividida em 3 momentos).
- Utilizou-se as seguintes metodologias: pesquisa sobre contexto, aulas expositivas sobre o conteúdo, análise de imagem sobre o tema, análise de textos sobre o conteúdo, produção de textos analíticos sobre a temática.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabe-se que a educação deve ser vista como ferramenta de transformação social, visando a inclusão de diversos grupos sociais. Dentre eles, a população negra. A história de tal população é carregada de luta, mas que foi esquecida e, portanto, a educação deve ser o meio pelo qual ocorre essa divulgação. O passado escravocrata brasileiro foi o grande fator que levou ao apagamento de uma história afro, sendo objetificados e colocados em segundo plano, como cita Davis (2016, p. 23)

"O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero".

Assim, cabe aos estudos afros resgatar a memória negra, utilizando da escola como espaço para transformação social e celebração da cultura apagada, esquecida. O não entendimento da importância de comemorar e revisitar a história afro no Brasil, trazendo destaque para a participação desse grupo, contribui fortemente para a maneira como o racismo é alimentado na sociedade. A educação deve objetivar romper com essa estrutura, encerrando

essa continuidade. Com essa proposta a Lei 10.639/03:



VIII ENALIC
EDUCAÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VII SEMINÁRIO DO PIBID
II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

"...propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas". (BRASIL ESCOLA, [s.d.]

Os citados trabalhos auxiliam nesse resgate, ressaltando o valor que a cultura afro, chegada ao país através da escravização de pessoas negras, possui. Dessa maneira, é necessário se pensar em como tais conteúdos seriam trabalhados, contando com a participação não só dos alunos, mas também de toda a escola, visto que as pautas de valorização cultural e respeito ao outro devem ser amplamente divulgadas e não somente se restringirem a um determinado número de pessoas. Sendo assim, vale ressaltar a importância da implementação do ensino afro na educação regular, uma vez que a construção de visão de mundo se dá em grande parte dentro desse espaço, compondo a noção de cidadania que deve ser levada para o campo além do ambiente escolar. Pela observação dos autores citados, é necessário ter como meta a necessidade de transformação, que ocorrerá através da participação dos alunos para a construção de um mundo mais igualitário e justo.

Por fim, a educação é uma aliada no debate racial que tem se consolidado nas discussões em ambiente escolar, visando uma reparação histórica e corroborar para que esse debate se consolide de fato em salas de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das atividades propostas com os alunos, como a apresentação da música “Ginga”, da cantora Iza, os resultados esperados eram a ampliação do conhecimento dos alunos no que se refere a cultura africana e a contribuição na capacidade de análise crítica sobre a sociedade em que vivem. Dessa forma, a proposta de intervenção busca contribuir com a formação cidadã dos alunos, de forma a promover a autonomia desse público.

A partir da implantação do projeto, os alunos puderam ter um contato mais próximo com a diversidade cultural, visualizando, de forma mais ampla, como a cultura africana se apresenta no cotidiano e como a mesma apresenta uma riqueza inestimável de detalhes, destacando a importância do conhecimento da diversidade na sociedade contra as formas de preconceito.



VIII ENALIC
EDUCAÇÃO

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESERVA

Com a participação dos alunos, foi possível perceber o quanto os mesmos não possuíam conhecimento sobre a temática e como estavam munidos de pensamentos próprios do senso comum, o que é um dos fatores responsáveis pela propagação de discursos preconceituosos, principalmente no que se refere a religiões de matrizes africanas. Contudo, houve uma participação afirmativa dos mesmos na temática exposta, mostrando-se interessados e comprometidos com os conteúdos expostos.

Por fim, o presente projeto possibilitou, a apresentação de aspectos que auxiliaram na promoção da transformação pessoal dos alunos, propiciando a consciência da problemática que rodeia a persistência do racismo no Brasil, fomentando nos estudantes uma participação mais ativa na luta antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, ainda que exista a lei 10.639 que determina sobre a implementação da história da África nas escolas brasileiras o cenário vigente em sala de aula sinaliza para a evidente constatação de que mesmo com as iniciativas vivenciadas nos últimos anos, muito ainda está por ser feito. Visto que, o escasso número de as publicações de textos e a realização de mais investigações sobre o tema, a necessidade de melhor definir o que deve e pode ser trabalhado em sala de aula e persistência grande número de estereótipos e falsas imagens sobre a África e as sociedades africanas, demonstra que problemática no currículo educacional e que dessa forma precisa urgentemente ser revisto e alterado.

Sendo assim, a perspectiva de mudanças só poderá se concretizar com a contínua e crescente atenção dedicada ao tema, por meio disso o projeto tem como objetivo de promover essa aproximação com a cultura africana e que a distância com o continente Africano seja apenas oceânica.

Portanto, o projeto “Vivenciando a cultura afro: Formando cidadãos”, além de se inserir na escola pública a cultura africana, busca contribuir com a formação docente de todos os alunos, pois propiciou uma formação teórica para as temáticas do projeto e a experiência prática das salas.



REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica: Belo Horizonte, 5 ed., jul. 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polém 2019.
- MODELLI, Lais. **Negros e negras brasileiros que deveriam ser mais estudados nas escolas**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42033622>>. Acesso em: Jun. 2021.
- SANTOS, Leidiane Oliveira. **A História e Cultura Afro Brasileira e a Lei 10639/03**. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducação.com.br/conteudo/artigos/educação/ahistoria-e-cultura-afro-brasileira-e-a-lei-10639-03/12150>>. Acesso em: Jun. 2021
- IZA. **Ginga**. Rio de Janeiro: Warner Chappell Music. 2018. 3 min.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre Currículo: Diversidade e Currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- SANTOS, Sales Augusto de (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.